

Re-conhecendo Armauer Hansen: o cientista da lepra e o personagem histórico

Reinaldo Guilherme Bechler¹ - UFMG

O presente artigo pretende lançar luz a questões históricas e pessoais da vida de um importante personagem científico da virada dos séculos XIX e XX. Ao dedicar quase toda sua existência ao estudo de uma enfermidade tão singular e estigmatizada como a lepra, o médico norueguês Armauer Hansen alcançou resultados bastante positivos, a ponto de fazer com que a doença ganhasse seu próprio nome em alguns países². Dotado de uma singular capacidade retórica e de uma personalidade forte, Hansen viveu em um dos períodos científicos mais profícuos da contemporaneidade e teve vários desafios ao longo de sua vida acadêmica, alguns dos quais serão aqui apresentados a partir de fontes primárias e mesmo de anotações pessoais, além de sua auto-biografia, publicada na década de 1970. “Re-conhecer” Armauer Hansen significa neste trabalho oferecer ao leitor a oportunidade de se deparar com aspectos pessoais, políticos e científicos até então pouco conhecidos de sua trajetória, no intuito não de criticá-lo ou vangloriá-lo, mas tão somente situá-lo enquanto personagem histórico singular, humano e falível, instigando novos questionamentos por parte da historiografia da ciência.

Palavras-Chave: Armauer Hansen, História das Doenças, História da Lepra.

Aos vinte e nove dias do mês de julho de 1841 vinha ao mundo, na cidade de Bergen, Gerhard Henrick Armauer Hansen. Último filho de pais aristocráticos e muito bem-relacionados na sociedade da época, Hansen tinha ao todo mais nove irmãos e,

¹ Este trabalho faz parte do Projeto de Pós-Doutorado que desenvolvo atualmente através de bolsa de estudos da FAPEMIG, junto ao grupo SCIENTIA (Departamento de História-UFMG).

² No Brasil, por exemplo, a doença ganhou o nome de Hanseníase na década de 1970, no intuito de homenagear Armauer Hansen. Em outros países como o Japão, passou a se chamar oficialmente Doença de Hansen. E, de uma maneira global, embora o termo lepra ainda seja usado para designar essa doença em várias das principais línguas ocidentais, como a inglesa, a alemã, a francesa e a espanhola, o termo Doença de Hansen também é perfeitamente compreendido em todas elas.

talvez por ser o mais novo, gozava da predileção completa de toda a família. Teve, enfim, como ele mesmo descreve: “*a happy home. We had complete freedom to go out and play as long as our homework was done*”³”.

Contexto de atuação: política e ciência contra a lepra

O século XIX assistiria ao retorno endêmico da lepra ao continente europeu, depois de a enfermidade ser considerada como extinta desde o final do século XVII⁴, causando profundo temor social e instigando o instinto científico da época. Num âmbito mais amplo, várias outras enfermidades passaram a ser objeto de estudo sistemático nesse mesmo período histórico, fruto dos estudos de uma recém-formada classe de médicos chamada de *Bacteriologistas*. Através de seus estudos ficou comprovado serem as bactérias causadoras de uma série de enfermidades como, tuberculose, cólera, dentre outras, que agora podiam ser melhor compreendidas. Essa “*revolução microbiana*”⁵ modificou comportamentos médicos, ampliou horizontes investigativos e teve conseqüências importantes no estudo específico da lepra. A doença se transformou em um verdadeiro desafio para esses cientistas, uma vez que o nível de conhecimentos acerca do seu agente causador era notadamente menos desenvolvido do que o de outras enfermidades⁶.

Como se não bastasse essas dificuldades no âmbito científico, a lepra também representava um sério problema político no século XIX. O fenômeno que o historiador britânico Eric Hobsbawn chamou de “*A era dos impérios*”⁷, oferece subsídios para que se interprete esse momento científico do estudo leproológico como momento imperial, ou colonial da lepra. As principais nações européias se preocupavam sobremaneira com a expansão comercial e econômica de suas divisas ao longo do século XIX, e

³ HANSEN, Armauer. *The Memories and Reflections of Dr. G. Armauer Hansen*. Würzburg: German Leprosy Relief Association, 1976. p. 30.

⁴ Sobre isso ver: HANSEN, Armauer & LIE, H. P. *Die Geschichte der Lepra in Norwegen*. II INTERNATIONALE LEPRO-CONFERENCE, Bergen, 2: p. 314-340, 1909.

⁵ CUNNINGHAM, Andrew & WILLIAMS, Perry. *The Laboratory Revolution in Medicine*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992. p. 209.

⁶ Ver especialmente: OBREGÓN-TORRES, Diana. *Batallas contra la lepra: Estado ciencia y medicina en Colombia*. Medellin: Banco de la República, Fondo Editorial Universidad EAFIT, 2002.

⁷ HOBBSAWN, Eric. *A Era dos Impérios*. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

coincidentalmente em quase todas as regiões que foram objeto desse Imperialismo, a lepra era um sério problema endêmico⁸.

No caso específico da Noruega aqui estudado, a lepra representava nesse momento não um problema de política internacional, mas sim um grave problema interno de saúde-pública. Oficialmente, a independência da Noruega perante o reinado sueco foi declarada em 1814, embora até o ano de 1905 o país tenha se mantido relativamente vinculado politicamente à Suécia⁹. De todas as maneiras, o século XIX marcou uma série de transformações sociais no país. Segundo Michael Drake, que analisou este período da história norueguesa em um importante trabalho sociológico, os camponeses foram reconhecidos e valorizados como cidadãos genuinamente noruegueses, processo que terminou por gerar uma reorganização política do país em novos e poderosos governos locais e autônomos¹⁰. Além disso, houve uma preocupação por parte dos meios de comunicação e dos setores mais elevados da sociedade, em tornar conhecidas as duras e difíceis condições sociais da população rural.

Conseqüentemente, as condições sanitárias e de saúde pública foram alvos de preocupação vital a partir desse momento. Doenças como lepra, sífilis, tuberculose e sarna estavam entre as principais enfermidades a serem combatidas por essa nova *ciência nacional*¹¹, que não deveria ter outra tarefa senão a de se preocupar com o bem-estar de seus conterrâneos. Historiadores como Zachary Gussow chamam à atenção para esse sentimento nacionalista norueguês e sua relevância no desenvolvimento de ações políticas contra a lepra já a partir das primeiras décadas do século XIX: “*The history of leprosy in Norway in the nineteenth century is part of the history of Norwegian nationalism*”¹². Por todo o estigma que carregava e pelo risco epidemiológico que representava não apenas para o país, mas para todo o continente europeu, a lepra

⁸ Um detalhado estudo colonial da lepra nesse período é feito por: EDMOND, Rod. *Leprosy and Empire – A Medical and Cultural History*. New York: Cambridge University Press, 2006.

⁹ Para mais detalhes sobre este momento histórico norueguês, ver especialmente: STERNERSEN, Oivind & LIBAEK, Ivar. *The history of Norway: From the Ice Age to today*. Lysaker: Dinamo Forlag, 2003.

¹⁰ DRAKE, Michael. *Population and Society in Norway 1735-1885*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

¹¹ O termo foi utilizado por Lorenz Irgens para descrever o sentimento nacionalista presente na ciência norueguesa do período. Ver: IRGENS, Lorenz. *Hansen, 150 Years after his Birth., the Context of a Medical Discovery*. In: *International Journal of Leprosy*, 60 (3): p. 466-69, 1992.

¹² GUSSOW, Zachary. *Leprosy, Racism and Public Health: Social Policy in Chronic Disease Control*. Boulder: Westview Press. p. 69, 1989.

assumia a linha de frente nas preocupações das autoridades norueguesas. A erradicação da lepra passava a representar, enfim, uma obsessão no país.

Em termos práticos, o governo deste país foi o primeiro a reconhecer a lepra como um problema estatal, desvinculando-a de ações caritativas, notadamente associadas a matizes religiosos, como ocorrido especialmente na época medieval. Assim, uma série de medidas de saúde-pública foram implementadas no intuito de combater a enfermidade a partir da década de 1830. Influenciado por esse sentimento nacionalista anteriormente mencionado, o governo norueguês investiu na formação de uma classe de cientistas capazes de desenvolver soluções para o cada vez mais preocupante problema da lepra. Após fazer um mapeamento da enfermidade no país, tornou-se necessário encontrar um cientista que personificasse essas novas posturas do governo, e assumisse a liderança técnica dos estudos sobre a doença. Este profissional, Daniel Cornelius Danielsen, surge em 1839.

Como médico-chefe do Hospital St. Jörgens, transformado com as medidas em um leprosário estatal, Danielsen recebe dois meses depois a companhia profissional de Carl Boeck, e a incumbência oficial por parte do governo de desenvolver com ele o plano de erradicação da lepra no país. Estabeleceu-se que Danielsen desenvolveria suas pesquisas no Hospital St. Jörgens, em Bergen, enquanto Boeck seria incumbido de viajar por vários centros científicos do mundo naquele período, com o objetivo de se atualizar com as técnicas mais avançadas no que tange ao combate à lepra. Fruto desse esforço inicial, os dois médicos publicariam no ano de 1847 o que é até os dias atuais considerado como o primeiro trabalho científico moderno sobre a lepra, chamado “*Om Spedalskhed*”¹³. Conclusivamente, os autores consideravam a lepra como uma enfermidade hereditária, e reconheceram explicitamente a incipiência e o caráter vanguardista de seu trabalho, não chegando assim a definições claras quanto às possíveis soluções sociais práticas contra o problema. Mesmo assim, a obra de Danielsen e Boeck ganha relativa ressonância acadêmica, dando ao governo norueguês a certeza de estar caminhando no rumo certo. Deflagrava-se, a partir de então, por conseguinte, uma corrida científica pelo desenvolvimento de conhecimentos técnicos sobre a lepra, especialmente com relação à sua etiologia.

¹³ Para este trabalho consultei a versão francesa, publicada um ano depois. DANIELSEN, Daniel C. & BOECK, Carl. *Traité de la Spedalskhed ou Elephantiasis des Grecs*. Paris: J. B. Ballière, 1848.

Apesar de todo seu esforço e empenho por vários anos, Daniel Cornelius Danielsen não conseguia avançar nesse estudo clínico da doença, e conseqüentemente, não conseguia provar que a lepra era realmente hereditária, como acreditava. Esse processo sofreria importantes modificações quando, no ano de 1868, Danielsen contrata um jovem estudante de medicina para ser seu assistente, de nome Gerhard Henrik Armauer Hansen.

Iniciava-se assim uma relação pessoal bastante próxima. Rapidamente Hansen torna-se figura comum na residência dos Danielsen, e acaba se casando com Stephanie Marie, filha de seu chefe. O casamento, entretanto, teria um fim trágico, com o falecimento de Stephanie Danielsen nove meses mais tarde, em função de uma infecção tuberculosa. O ocorrido serviu para aumentar o elo de amizade entre os dois cientistas, além de tornar Hansen um obcecado por seu trabalho científico, capaz de fornecer-lhe respostas práticas para seu sofrimento pessoal. Se considerando antes do acontecido “*a very religious person*”¹⁴, Hansen descreve este período de sua vida com muita tristeza, o que acabou também abalando suas convicções religiosas¹⁵.

Hansen se apresentava para o trabalho com Danielsen com o respaldo de uma excelente formação universitária ainda em curso¹⁶, e recebia de bom-grado a incumbência de atualizar os conhecimentos científicos noruegueses sobre a doença. Possivelmente motivado pelos mencionados acontecimentos particulares, Hansen pede à Danielsen, como sua primeira tarefa, a oportunidade de viajar pelo país para coordenar a tarefa de cadastramento dos doentes, que já vinha sendo desenvolvida desde o final da década de 1850¹⁷. Nesse período Hansen passou a tomar contato com a doença na sua forma mais crua e dura, visitando lares de camponeses pelo interior do país.

A situação sanitária e mesmo de vida de seus conterrâneos o assustou profundamente: “*I suffered terribly. I had never seen so much misery concentrated in*

¹⁴ HANSEN, Armauer., 1976. op. cit.

¹⁵ Dois anos mais tarde Hansen se casou novamente. Com sua segunda esposa teve um filho de nome Daniel Cornelius Armauer Hansen, que anos mais tarde também se tornaria leprologista.

¹⁶ LARSEN, Oivind. *Gerhard Henrik Armauer Hansen Seen Through His Own Eyes – A Review of His Memories*. In: *International Journal of Leprosy* – Vol. 41, n. 2, 1973.

¹⁷ Essa empresa teve como principal resultado um completo censo da doença no país, publicado em 1876. Mais detalhes sobre o assunto, ver: BECHLER, Reinaldo Guilherme. *Leprabekämpfung und Zwangsisolierung im ausgehenden 19. und frühen 20. Jahrhundert: wissenschaftliche Diskussion und institutionelle Praxis*. Tese (Doutorado). Philosophischen Fakultät der Julius-Maximilians-Universität Würzburg. Würzburg, 2010.

one place.¹⁸” A promiscuidade, a falta de cuidados mínimos com higiene e salubridade era realmente grande, sendo uma porta aberta para várias enfermidades¹⁹. Mas talvez mais do que assustado com a forma como essas pessoas viviam, Hansen ficou intrigado com a maneira com que elas reagiam à sua condição de “doentes em potencial”, especialmente no que tange à lepra. Essa doença era compreendida claramente como uma imposição divina, contra a qual não cabiam quaisquer questionamentos. Dessa maneira o ex-genro de Danielsen compreendeu na prática o que significava a idéia da hereditariedade da lepra, e passou imediatamente a questioná-la, ainda que lhe faltassem os mecanismos técnicos para isso. Com base na leitura de sua autobiografia, chego à conclusão de que o que mais o incomodava seria o fato de ele também ser uma pessoa religiosa, e, de certa maneira, se cobrar uma atitude como a dos camponeses, de aceitar a vontade de Deus. Seu nascente interesse em buscar uma explicação humana e científica para o problema colocava definitivamente em cheque suas convicções religiosas.

Cumprida sua primeira tarefa, Hansen regressa à Bergen em 1869, e poucos meses depois se forma médico na universidade desta cidade. Seu trabalho de conclusão de curso foi objeto de diversas honrarias acadêmicas no país e, como consequência, ganha uma bolsa de estudos do governo norueguês para estudar de maneira detida e científica a doença no exterior. Tal atitude por parte do governo se justificava pela esperança em formar um sucessor de Danielsen; um cientista que fosse capaz não apenas de continuar desenvolvendo um estudo sistemático e eficiente sobre a lepra, como também que continuasse mantendo a supremacia e a vanguarda do país no estudo científico da enfermidade.

Com esse intuito Hansen chega, em agosto de 1870, em Bonn, na Alemanha, para trabalhar como pesquisador visitante no *Max Schultz Institut*, que era à época um dos principais centros de estudos em bacteriologia do mundo. Sua permanência na cidade alemã se deu no momento do início do conflito entre Alemanha e França conhecido como Guerra Franco-Prussiana, objeto de interessantes reflexões por Hansen. A conjuntura e a atmosfera social de um conflito militar de tamanha proporção fez com

¹⁸ HANSEN, Armauer., 1976. op. cit. p. 70.

¹⁹ Ibid. p. 105.

que ele tomasse a decisão de se mudar da cidade, por não conseguir a devida concentração em seu trabalho²⁰.

Ainda em 1870 se muda para Viena. Na capital austríaca Hansen conheceu pessoalmente uma série de personalidades artísticas e científicas de seu tempo, e absorveu inovadoras concepções filosóficas e um ritmo de vida boêmio narrado de maneira sucinta em sua autobiografia. Exatamente nesse período Hansen teria contato com o pensamento de Charles Darwin, que transformaria sua vida para sempre.

“It was in Vienna, too, where one of the most important occurrences in my life happened. It began in ordinary enough fashion with my walking into a bookstore but when I came upon a copy of “Natural Evolution” fate was at my elbow. The title itself challenged everything I had been taught about creation. I went home fascinated by my purchase and for two days read it to the complete neglect of my laboratory.

Never had I read anything like it. The whole world stood out in an entirely different light than that which I had know. All I had been taught as a child collapsed as something unreal²¹.”

Penso não ser exagerado dizer que a concepção de ciência e mesmo de vida trazida por Hansen é bastante influenciada pelo pensamento darwiniano, especialmente no que tange a idéia de que não poderia haver em última análise outro responsável pela condição de vida humana do que o próprio homem. A partir de então, Hansen finalmente conseguiria encontrar a resposta para a sua inquietação, nascida da aceitação de seus conterrâneos à “vontade de Deus”, e conseqüentemente à condição de doente. *“My scientific searching had prepared me to spiritually absorb the mental shock of those two days²².”* Sua conjectura de que a lepra era uma enfermidade transmissível, enfim, ganhava importantes sustentáculos científicos.

Além de sua concepção de ciência, a obra de Darwin também traria profundas transformações à sua vida pessoal e religiosa. Imediatamente após ler o referido livro, Hansen torna-se ateu. Para ele não era mais concebível a idéia de uma pessoa fazer ciência e ser religioso. Fazer ciência, segundo sua concepção, seria tentar descobrir com mecanismos humanos, a realidade humana que, por sua vez não mais poderia ser apenas atribuída a Deus.

²⁰ Ibid. p. 77.

²¹ Ibid. p. 83.

²² Ibid.

“Let me first discuss yet another point which belongs here. It is this: people in their craving for the answer to the riddle of life – yet understanding it so little – imagine they have reached a solution by creating a God from whom everything springs and who is truly the Almighty. They ignore that this God also demands an origin. Avoiding this demand by merely making him omnipotent and eternal is simply an admission of ignorance²³.”

Hansen retornando à Bergen no final de 1871 e reassume o cargo de assistente de Danielsen. Na bagagem trazia consigo a responsabilidade de fazer germinar essas idéias revolucionárias em sua sociedade. Contudo, via-se agora em uma incômoda situação. Seria necessário, a partir de então, assumir definitivamente uma postura científica antagônica a de seu mentor e ex-sogro, que por sua vez, era na época o principal partidário da tese da hereditariedade da lepra. Ainda que estivesse cada vez mais convencido de que a lepra era uma enfermidade transmissível, Hansen sabia também que lhe faltavam os mecanismos técnicos para comprovar tal teoria. Enquanto faltassem esses meios, ele sabia que estaria fadado trabalhar e a existir “à margem” do processo científico.

Tal situação começa a se modificar quando Hansen publica três anos mais tarde, no ano de 1874, um trabalho na principal revista científica norueguesa²⁴, resultado das pesquisas realizadas desde seu regresso de Viena. Nesse trabalho, ele faz uma análise microscópica de uma célula que continha material leproso, e observa que existiam microorganismos que chamou de parecidos a “bastões”, o que para ele seria pelo menos um indício de que este poderia ser o agente etiológico da lepra. Em última análise, Hansen observou um microorganismo existente em uma célula leprosa, o que Danielsen também já havia feito 26 anos antes, o chamando de “Brown elements”. Partindo apenas dessa observação supôs ser esse microorganismo o agente etiológico da enfermidade, o que comprovaria sua tese da transmissibilidade. Hansen tinha consciência de que não havia mecanismos científicos à época capazes de comprovar sua conjectura, mas mesmo assim, resolve publicar essas observações, numa atitude que considero aqui como demonstrando uma preocupação em demarcar seu espaço no contexto científico do período. Vários autores concordam com a opinião de que esse trabalho foi veementemente criticado pelos cientistas partidários da tese da hereditariedade,

²³ Ibid. p. 86.

²⁴ HANSEN, Gerhard H. Armauer. *Undersogelser angaaende Spedalskhedens Aarsager*. Norsk Magazin for Laegevidenskaben, 1874, 9 (4): 1-88. Reprinted as „*Causes of Leprosy*“, International Journal of Leprosy, 1955, 23 (3): 307-9

inclusive Danielsen²⁵. Essa resposta negativa às suas idéias seria um golpe importante nas idéias de Hansen, que àquela altura já se posicionava de maneira mais explícita contra Danielsen, afastando-se de sua influência pessoal e ideológica. A partir deste momento Hansen passaria a se dedicar ainda mais a provar sua tese da transmissibilidade da lepra, e assumir de vez a hegemonia científica do assunto²⁶.

Conferência Internacional de Berlim

“I have, of course, become famous through it. This was in 1897 at the leprosy conference in Berlin.”²⁷

De 11 a 16 de outubro de 1897 o norueguês Armauer Hansen experimentaria o que ele mesmo descreveu como sendo os dias de maior sucesso de sua vida profissional²⁸. Credenciais científicas não faltavam ao escandinavo. Além do fato de já ser, àquela altura, reconhecido como “descobridor” do bacilo causador da lepra, ele ainda era o representante máximo do governo norueguês no encontro. Seu discurso era aguardado por todos os presentes, ansiosos por conhecer mais detalhes sobre as medidas que conseguiram reduzir a epidemia de lepra que assolava a Noruega, de mais de 3.000 casos em meados do século para pouco mais de 60 naquele ano de 1897.

Baseando-me aqui nos anais oficiais do encontro, pesquisados de maneira inédita em trabalhos latino-americanos para a realização de minha tese de doutoramento²⁹, pretendo mostrar algumas outras importantes facetas de Armauer Hansen, que permitiram sua consolidação como maior expoente científico da história da lepra. Se suas capacidades argumentativas e acadêmicas já foram sucintamente

²⁵ OBREGÓN TORRES, Diana., 2002. op. cit., p. 128.; YOSHIE, Yoshio. *Advances in the microbiology of M. Leprae in the past century*. In: International Journal of Leprosy. Vol. 41, n. 3. p. 361-371, 1973; BECHELLI, L.M. *Advances in leprosy control in the last 100 Years*. In: International Journal of Leprosy, Vol. 41, n. 3. p. 285-297, 1973.

²⁶ Anos mais tarde, desencadear-se-ia o processo do “descobrimento” do *mycobacterium leprae*, que também contou com a participação do médico alemão Albert Neisser. Mais sobre o assunto, ver: BECHLER, Reinaldo Guilherme. *Muito mais do que Isolamento em questão: Ciência, poder e interesses em uma análise das duas primeiras Conferências Internacionais de Lepra – Berlim 1897 e Bergen 1909*. In: Temporalidades. Vol.1 n. 2. Belo Horizonte. p. 175 – 201, 2009.

²⁷ HANSEN, Armauer., 1976. op. cit. p. 100.

²⁸ Para maiores detalhes sobre a conferência de Berlim, ver: BECHLER, Reinaldo Guilherme., 2009. op. cit.

²⁹ BECHLER, Reinaldo Guilherme., 2010. op. cit.

abordadas, resta-me apontar um Hansen astuto, rude, hábil, impiedoso, e acima de tudo consciente de seu papel histórico.

Em recente artigo publicado no Brasil sobre a conferência de Berlim, Shubhada Pandya narra com interessantes fontes primárias, por exemplo, a tentativa do médico norte-americano Albert Ashmead – também presente ao encontro – de formar junto com Armauer Hansen e outros médicos uma rede mundial de pesquisadores, um *Comitê*, a partir do final de 1896, e que teriam também a responsabilidade política de propor soluções contra a enfermidade³⁰. De maneira sutil, mas determinada, segundo Pandya, Hansen declina de todas as tentativas, numa atitude que merece atenção histórica. O médico norte-americano Albert Ashmead seria assim, outro personagem que buscaria seu reconhecimento acadêmico no processo. Também favorável à idéia da transmissibilidade e ferrenho defensor do isolamento compulsório como solução prática para o problema, Ashmead buscava maneiras de formar uma primeira classe de “leprologistas”, que teria a responsabilidade de convencer os governos de todo o mundo da necessidade do isolamento para se chegar ao fim da lepra:

“The suppression and prevention of leprosy ... can only be accomplished by smothering it by means of [leper] isolation. We want to obtain enforced and complete isolation by the consent of governments; we want the necessary measures to be taken, everywhere, rigorously, and that the principle of isolation may pass into practice, with all its consequences, all the duties and efforts it may entail.”³¹

Contudo, pelos motivos apontados anteriormente, tal atitude não seria bem-vista e não contaria com o apoio de Hansen. Em uma das discussões da conferência de Berlim – que por fim não foi abordada por Shubhada Pandya – o norueguês trata do assunto, e dá mostras contundentes da maneira com que defenderia sua posição na ocasião:

“Meus senhores! Temos aqui duas propostas feitas por Dr. Ashmead (New York) e por Dr. Westberg sobre a formação de um “Lepra-Comité”. Eu já havia escrito anteriormente à Dr. Ashmead que eu não posso compreender o que este Comité teria a fazer, a não ser assinar papéis e tecer belos discursos. Eu penso que a coisa é bem simples. Nós conseguimos resultados realmente requintados na Noruega, mas se eles não forem suficientes para convencê-los,

³⁰ PANDYA, Shubhada. *The first international leprosy conferency, Berlin, 1897: the politics of segregation*. In: História, Ciências, Saúde – Manguinhos: 10 (suplement 1). S. 161-177, 2003.

³¹ Ashmead, 22.1.1897. Apud: PANDYA, Shubhada., 2003. op. cit. p. 168.

*então façam como queiram. Se os senhores não querem seguir nosso exemplo são, como eu disse à Dr. Ashmead, idiotas (sic), e pessoas idiotas não merecem ser ajudadas. Mas minha experiência mostra que as pessoas não são tão idiotas como se diz comumente, e por isso eu acredito que os senhores farão como nós fizemos e eu posso garantir que em pouco tempo estarão livres da lepra*³². “

Estava claro, assim, que ele não aceitaria a inserção de outros personagens no processo. A experiência e os resultados epidemiológicos de seu país, associada à sua experiência pessoal no estudo científico da doença, somada à providencial e fundamentada relação acadêmica com Rudolf Virchow – presidente da conferência – eram predicados suficientes para legar à sua figura a condição de legitimidade necessária para propor, sozinho, soluções aos presentes. E sua solução foi o isolamento compulsório que, de fato, era a única alternativa plausível, uma vez que não havia um tratamento clínico contra a enfermidade.

*“De qualquer forma, todas as tentativas terapêuticas para a lepra foram até agora tão claramente mal-sucedidas, ou pelo menos tão inseguras, que não nos resta outra alternativa. Será o mais sensato e mais humano de nossa parte, se nós combatermos a propagação desta enfermidade através do isolamento dos doentes*³³”.

A conferência internacional de Berlim deixou o legado histórico da aclamação oficial da tese da transmissibilidade da lepra, além de ter sido o palco onde Armauer Hansen teria cometido uma importante contradição histórica, já apontada por vários historiadores contemporâneos, de propor um isolamento compulsório irrestrito e impositivo, que deveria até mesmo contar com auxílio de forças policiais para sustentá-lo, quando na verdade as medidas implementadas por ele com todo sucesso na Noruega pregavam exatamente o contrário, ou seja, ações democráticas e bem-orientadas, que contavam com a participação de todos os setores da sociedade no processo de erradicação da doença³⁴.

³² Mittheilungen und Verhandlungen der internationalen wissenschaftlichen Lepra-Conferenz zu Berlin im October 1897. *Die Isolierung der Aussätzigen und die dazu erforderlichen Maassregeln*. Vol. 2. Berlin, 1897. p. 165. Tradução minha.

³³ Mittheilungen und Verhandlungen der internationalen wissenschaftlichen Lepra-Conferenz zu Berlin im October 1897. *Zweite Sitzung*. Vol. 2. Berlin, 189. p. 32. Tradução minha.

³⁴ Esse discurso é recorrente em todas as obras históricas, especialmente latino-americanas, que analisam o processo de construção de soluções políticas para a lepra a partir do século XIX. As medidas norueguesas gozam de um caráter paradigmático, apenas em função dos positivos resultados

Através da análise do próprio discurso de Armauer Hansen enquanto fonte primária, realizada em outros trabalhos, me foi possível relativizar tais análises, apresentando elementos que podem abrir novas perspectivas historiográficas ao assunto. A princípio, instigou-me o fato de que tais medidas tenham resultado em uma diminuição tão impactante na incidência da lepra, em um período de tempo relativamente curto, quando não havia qualquer alternativa de tratamento clínico para a doença. Encontrar explicações para esse fato não é tarefa histórica das mais fáceis, nem mesmo para os noruegueses. H.P. Lie, assistente de Hansen, escreveria um importante artigo já em 1933 onde deixa claro que não possuía essa resposta, e chega mesmo a se perguntar: “*is the decline spontaneous?*”³⁵”

Em outras palavras, considerando a hipótese dessas medidas terem sido implantadas na Noruega segundo tais preceitos democráticos, pregados pela historiografia atual, culminando com a quase completa erradicação da lepra no país em pouco mais de meio-século, não seria difícil deduzir que essa diminuição epidemiológica resultou na cura dos leprosos noruegueses, o que, como dito, não era exequível naquele momento. Buscando explicações para tal questionamento, concentrei-me nos discursos de Hansen, especialmente na conferência de Berlim, no intuito de compreender como ele descreveria essas medidas.

O exame desse material aponta que essa política pública foi descrita por Hansen de maneira bastante dicotômica, e com o único objetivo de justificar o emprego do isolamento compulsório como solução pelo menos para o não-alastramento da lepra. Assim, é possível dividir sua argumentação na ocasião em dois momentos completamente distintos. Primeiro, nos artigos oficiais, escritos por ele anteriormente à realização do evento. E segundo, nos debates com outros participantes, também detalhadamente relatados nos anais da conferência³⁶.

epidemiológicos que produziram, tendo em vista que em meados do século XIX foram registrados cerca de 3.000 casos da doença e neste ano de 1897 haviam apenas pouco mais de 60 casos confirmados. Ver: MONTEIRO, Yara. *Da maldição divina a exclusão social: um estudo da hanseníase em São Paulo*. Tese (Doutorado), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1995.; OBREGÓN-TORRES, Diana., 2002. op. cit.; GUSSOW, Zachary., 1989. op. cit.

³⁵ LIE, H.P. *Why is leprosy decreasing in Norway?* In: *International Journal of Leprosy*. Vol. 1. n. 2., p. 210., 1933.

³⁶ Um trecho desses debates sobre a discussão com o médico norte-americano Ashmead já foi utilizado nesse trabalho.

Sua argumentação nesses textos oficiais seria cuidadosamente construída com o auxílio de marcantes elementos históricos, no sentido de vangloriar a experiência adquirida pela Noruega no combate à lepra enquanto problema do Estado desde o princípio do século XIX, além de ressaltar o caráter humano dessa intervenção estatal. O isolamento compulsório aparece como uma alternativa utilizada pelo governo apenas para os casos mais graves, enquanto a maioria dos doentes poderia escolher se seria isolado ou permanecer em sua residência, cumprindo rigorosas recomendações técnicas.

“Na Noruega o isolamento nunca foi totalmente compulsório. Nos primeiros momentos foi inclusive totalmente voluntário. Tal medida foi implementada, a princípio, como uma maneira de oferecer tratamento digno para os leprosos pobres. O estado construiu os leprosários e informou aos leprosos que ofereceria a eles um tratamento de qualidade, humano e gratuito.”³⁷

Entretanto, nos debates com outros presentes, quando outras idéias e outros personagens colocaram à prova sua autoridade e sua retórica, nota-se um Armauer Hansen mais visceral. Sem o polimento argumentativo tão presente em seus textos escritos, Hansen oferece-nos um singular e instigante testemunho histórico sobre a história da lepra em seu país no século XIX, que carece de maior atenção histórica. Mesmo não oferecendo a riqueza de detalhes sobre esse período que almejava encontrar, o discurso do ex-genro de Danielsen nessas ocasiões me ofereceu substanciais argumentos para colocar em cheque as referidas interpretações historiográficas contemporâneas sobre essas medidas.

Falando como um membro do Estado norueguês, Hansen simplesmente desconsidera o papel do doente nessas medidas, chegando a afirmar, por exemplo, que: *“todo doente é um mau-trabalhador e, por conseguinte, uma peso-morto para o Estado”³⁸*. Voltando a versar sobre os primeiros momentos da implantação dessas medidas em seu país, Hansen oferece-nos uma perspectiva distinta da descrição feita no artigo citado logo acima.

“Se querem saber a verdade, no começo, os leprosos chegavam aos montes. Eles não foram internados compulsoriamente. Apenas foi-lhes dito que o governo arcaria com todos os custos e de repente tínhamos os leprosários

³⁷ HANSEN, Armauer. *Facultatives oder obligatorische Isolierung der Leprösen*. In: *Mittheilungen und Verhandlungen der internationalen wissenschaftlichen Lepra-Conferenz zu Berlin im Oktober 1897*. Bd. I, Berlin. p.4, 1897. Tradução minha.

³⁸ *Mittheilungen und Verhandlungen der internationalen wissenschaftlichen Lepra-Conferenz zu Berlin im October 1897. Erste Sitzung*. Vol. 2. Berlin, 1897. p. 18. Tradução minha.

*estatais transbordando de leprosos. E isso foi um grande alívio para as famílias, pois ficaram livres de seus leprosos.*³⁹”

A necessidade do isolamento compulsório, para Hansen é compreendida até mesmo de maneira jurídica: *“Uma pessoa doente possui ao lado de seus direitos também seus deveres, e o maior e mais sagrado desses deveres deve ser o de não colocar em risco seus concidadãos*⁴⁰”.

A propensa atmosfera democrática e descentralizada dessas medidas também ganha novos contornos. Segundo Hansen, a sociedade norueguesa passou, de fato, por um processo de descentralização de sua estrutura político-social, com o surgimento de pequenas comunidades que gozavam de uma relativa autonomia, e esse processo refletiu realmente na formação de uma sociedade mais consciente de seu papel na promoção da saúde-pública. No caso da política pública desenvolvida contra a lepra, contudo, a atitude do governo foi a de se utilizar dessa estrutura no intuito não de descentralizar, mas sim de centralizar toda e qualquer ação nas mãos de Daniel Danielsen, que sempre regeu a implantação dessas medidas: *“O processo foi muito bem organizado. [...] Com essas medidas Danielsen assumiu o controle da situação.*⁴¹”

Mas o discurso mais sintomático de Armauer Hansen acerca do assunto seria proferido na seção do encontro chamada *“Isolamento dos leprosos e suas medidas correspondentes”*. Na verdade o debate, ocorrido no último dia do encontro, foi uma proposição pessoal de Hansen no dia anterior, dado o nível de divergências entre os presentes. Ainda mais direto, o médico norueguês tocava em algumas questões interessantes sobre o processo, fazendo uma revelação sobre a realidade vivida pelos doentes nos leprosários estatais, que pode se não explicar, pelo menos lançar novos elementos investigativos acerca da diminuição epidemiológica conseguida por essas medidas em um período em que curar a doença não era possível:

*“Aconteceram tantas outras doenças, tantas outras infecções, que os doentes morriam nesses leprosários muito antes do que se estivessem ficado em casa. Isso se trata de problema exclusivamente sanitário, nenhum acidente, mas bonito e humano não foi.*⁴²”

³⁹ Ibid. p. 17. Tradução minha.

⁴⁰ Ibid.

⁴¹ Ibid. p. 23.

⁴² Mittheilungen und Verhandlungen der internationalen wissenschaftlichen Lepra-Conferenz zu Berlin im October 1897. *Die Isolierung der Aussätzigen und die dazu erfolgreichen Maassregeln*. Vol. 2. Berlin, 1897. p. 162. Tradução minha.

Não se trata de dizer que o governo norueguês exterminou seus doentes de lepra. Apenas o discurso de Hansen não é suficiente para que se chegue a tal conclusão⁴³. Desta feita, resta-me, por enquanto, apresentar tal discurso apenas como um indício, que pode abrir novas perspectivas históricas ao estudo desse processo. Ou seja, não seria absurdo pensar que o governo norueguês observasse com bons olhos a rápida lotação dos leprosários estatais construídos pelo país. Considerando as palavras do próprio Hansen, o leproso era um expurgo social, cujo único direito deveria ser o de não colocar em risco a sociedade sadia. Uma vez isolados em um local próprio, não seria de se esperar que este governo despendesse recursos financeiros – e mesmo enérgicos – para cuidar do bem-estar de pessoas que se sabia não possuírem futuro social. Afinal, era de seu conhecimento que o desenvolvimento de uma cura clínica para a doença ainda seria um objetivo de longíssimo prazo. É certo, além disso, que os doentes não pereceram de lepra, uma doença de evolução notadamente lenta, e sim, como aponta Hansen, de outras enfermidades, causadas provavelmente pelas más condições de salubridade ou mesmo de alimentação oferecidas nessas instituições. A eliminação “natural” dessas pessoas viria bem a calhar, enfim, nas pretensões das autoridades do país em erradicar a lepra o mais rapidamente possível⁴⁴.

A construção de um mito

Não obstante todo reconhecimento adquirido ao longo desses quase duzentos anos, a vida de Armauer Hansen ainda não foi objeto de um estudo biográfico mais aprofundado. Sua autobiografia, escrita pouco antes de sua morte em 1912 e publicada apenas em 1976, é um testemunho histórico importante das reflexões de um ser humano obstinado em encontrar explicações racionais e científicas para uma doença tão singularmente marcada por estigmas e preconceitos sociais. Nesse particular, ou seja, na

⁴³ Minha tese de doutoramento esbarrou no mesmo questionamento, que é, antes de tudo, um problema lingüístico, já que grande parte desse material encontra-se em norueguês. Objetiva-se a realização de uma investigação mais detalhada sobre o assunto, em um futuro próximo. Recebi em fevereiro de 2011, autorização do Arquivo Nacional da Noruega, em Oslo, para pesquisar os referidos documentos, o que almejo fazer tão logo possível. Mais sobre o assunto, ver: BECHLER, Reinaldo Guilherme., 2010. op. cit.

⁴⁴ Objetiva-se a realização de uma investigação mais detalhada sobre o assunto, em um futuro próximo. Recebi em fevereiro de 2011, autorização do Arquivo Nacional da Noruega para pesquisar os documentos

construção do mito Armauer Hansen, a conferência de Berlim, como ressaltado anteriormente, exerceu um papel preponderante. Se já chegava à capital alemã como a principal autoridade científica sobre a doença, em função do “descobrimento” de seu agente causador, Hansen deixou Berlim, além disso, como o responsável por oferecer aos governos de todo o planeta um caminho político a ser seguido para a erradicação da lepra. Como se não bastasse, o médico norueguês ainda conseguiu a aprovação dos presentes para a realização da próxima conferência internacional de lepra em sua cidade natal, Bergen.

A proposta do isolamento compulsório realizada por Hansen em Berlim não foi, de forma alguma, implantada na prática sem árduos debates sociais e científicos em todos os países afetados pela doença, especialmente nas primeiras décadas do século XX. No Brasil, por exemplo, tal embate percorreu os meios sociais e médicos de maneira veemente. Heráclides de Souza-Araújo, um dos principais personagens da construção da apropriação brasileira desse processo, descreveria da seguinte maneira esse momento: “*Nas primeiras décadas deste século o problema da lepra, pode-se dizer, foi o tema mais arduamente discutido na Academia Nacional de Medicina*⁴⁵”. A historiadora Yara Monteiro, que também analisou este processo, chega a afirmar que o país se dividira entre partidários e contrários a esse isolamento compulsório⁴⁶. Em outros países latino-americanos o embate também se deu de maneira drástica. Diana Obregón-Torres demonstra que sociedade e cientistas colombianos também travariam um árduo debate, especialmente por meio da imprensa, para aprovar ou rechaçar a medida⁴⁷. Já em meados do século XX a proposta de Hansen encontrava críticos por todo o mundo. Em um clássico do período, os médicos britânicos Ernest Muir e Leonard Rogers chegam a classificá-la como: “*the greatest reproach of modern medicine*⁴⁸”

Mas mesmo assim a figura de Hansen permaneceu imaculada. Como explicação para este fenômeno, poderia elencar o fato de que o legado de Hansen relacionado à

⁴⁵ SOUZA-ARAÚJO, Heráclides. *História da lepra no Brasil, volume III – Período Republicano 1890-1952*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional. p.411, 1956.

⁴⁶ MONTEIRO, Yara., 1995. op.cit.

⁴⁷ OBREGÓN-TORRES, Diana., 2002. op.cit.

⁴⁸ MUIR, Ernest & ROGERS, Leonard., *Leprosy*. Second Edition. Baltimore:Williams & Wilkins Co., p. 14, 1940.

lepra nos primeiros momentos pós-conferência de Berlim esteve muito mais vinculado a questões científicas do que políticas. Ou seja, o Hansen vangloriado foi sempre o descobridor do agente causador da doença, e não o formulador da proposta do isolamento compulsório. Até mesmo os médicos ingleses anteriormente citados como principais críticos do isolamento em nenhum momento citam o nome de Armauer Hansen sequer como um personagem vinculado à sua concepção.

Armauer Hansen findou sua vida na pequena cidade de Florø a 12 de fevereiro de 1912. Pouco antes de sua morte, atendendo a insistentes pedidos como ele mesmo revela, resolve escrever sua autobiografia com a ajuda de seu assistente e amigo H.P. Lie, e seguramente era consciente de seu papel histórico para a história da lepra. Contudo, não poderia afirmar que o norueguês tenha chegado a imaginar que a doença para a qual dedicou sua vida ganharia seu próprio nome, como ocorrido em vários países, inclusive no Brasil. O estudo da lepra, sem dúvida nenhuma, deve muito à esse cidadão de Bergen. Sua obstinação científica conseguiu fomentar a produção de conhecimentos técnicos sobre uma enfermidade tão singular, em um período histórico dos mais turbulentos cientificamente. Sua personalidade forte não permitiu que outras pessoas dividissem com ele os louros dessa empreitada. Seu legado histórico como ser humano, enfim, apresenta-se à comunidade científica afeita ao estudo da Hanseníase como profícuo tema de discussões e problematizações. Longe de pretender esgotar o assunto, este artigo pretendeu tão-somente salientar algumas peculiaridades da vida desse ser humano singular, que de fato merece ser reconhecido como um personagem científico de vanguarda do século XIX.

Referências Bibliográficas:

-BECHELLI, L.M. *Advances in leprosy control in the last 100 Years*. In: International Journal of Leprosy, Vol. 41, n. 3. p. 285-297, 1973.

-BECHLER, Reinaldo Guilherme. *Leprabekämpfung und Zwangsisolierung im ausgehenden 19. und frühen 20. Jahrhundert: wissenschaftliche Diskussion und institutionelle Praxis*. Tese (Doutorado). Philosophischen Fakultät der Julius-Maximilians-Universität Würzburg. Würzburg, 2010.

-_____. BECHLER, Reinaldo Guilherme. *Muito mais do que Isolamento em questão: Ciência, poder e interesses em uma análise das duas primeiras Conferências Internacionais de Lepra – Berlim 1897 e Bergen 1909*. In: Temporalidades. Vol.1 n. 2. Belo Horizonte. p. 175 – 201, 2009.

- CUNNINGHAM, Andrew & WILLIAMS, Perry. *The Laboratory Revolution in Medicine*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- DANIELSEN, Daniel C. & BOECK, Carl. *Traité de la Spedalskhed ou Elephantiasis des Grecs*. Paris: J. B. Ballière, 1848.
- DRAKE, Michael. *Population and Society in Norway 1735-1885*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- EDMOND, Rod. *Leprosy and Empire – A Medical and Cultural History*. New York: Cambridge University Press, 2006.
- GUSSOW, Zachary. *Leprosy, Racism and Public Health: Social Policy in Chronic Disease Control*. Boulder: Westview Press, 1989.
- HANSEN, Armauer. *The Memories and Reflections of Dr. G. Armauer Hansen*. Würzburg: German Leprosy Relief Association, 1976
- _____ & LIE, H. P. *Die Geschichte der Lepra in Norwegen*. II INTERNATIONALE LEPROA-CONFERENZ, Bergen, 2: p. 314-340, 1909.
- HOBSBAWN, Eric. *A Era dos Impérios*. São Paulo: Paz e Terra, 1988.
- IRGENS, Lorenz. *Hansen, 150 Years after his Birth., the Context of a Medical Discovery*. In: *International Journal of Leprosy*, 60 (3): p. 466-69, 1992.
- LARSEN, Oivind. *Gerhard Henrik Armauer Hansen Seen Through His Own Eyes – A Review of His Memories*. In: *International Journal of Leprosy – Vol. 41, n. 2*, 1973.
- LIE, H.P. *Why is leprosy decreasing in Norway?* In: *International Journal of Leprosy*. Vol. 1. n. 2., 1933.
- MONTEIRO, Yara. *Da maldição divina a exclusão social: um estudo da hanseníase em São Paulo*. Tese (Doutorado), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1995
- MUIR, Ernest & ROGERS, Leonard., *Leprosy*. Second Edition. Baltimore:Williams & Wilkins Co., 1940.
- OBREGÓN-TORRES, Diana. *Batallas contra la lepra: Estado ciência y medicina en Colombia*. Medellin: Banco de la República, Fondo Editorial Univerdidad EAFIT, 2002.
- PANDYA, Shubhada. *The first international leprosy conferency, Berlin, 1897: the politics of segregation*. In: *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*: 10 (suplement 1). p. 161-177, 2003.
- SOUZA-ARAÚJO, Heráclides. *História da lepra no Brasil, volume III – Período Republicano 1890-1952*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional. p.411, 1956.
- STERNERSEN, Oivind & LIBAEK, Ivar. *The history of Norway: From the Ice Age to today*. Lysaker: Dinamo Forlag, 2003. YOSHIE, Yoshio. *Advances in the microbiology of M. Leprae in the past century*. In: *International Journal of Leprosy*. Vol. 41, n. 3. p. 361-371, 1973.